

Missões Jesuíticas Guaranis: a luta pelo milagre da santa República

*Junior Ivan Bourscheid*¹

Resumo: O presente trabalho procura apresentar e debater as principais visões historiográficas acerca das missões jesuíticas guaranis. buscando, através da revisão bibliográfica de alguns autores de ambas as visões, enfatizar na apreciação da tese de que os jesuítas intentaram a implantação de uma Santa República Guaraní, e captando os nativos ao seio do projeto missionário, representando uma alternativa às *encomiendas* ou ao conflito com os colonizadores espanhóis, bem como uma forma de defesa às incursões bandeirantes da Colônia portuguesa. Assim, busca-se prosseguir e alentar o debate acerca da história da região missioneira guarani, considera-se e desenvolve-se a hipótese que observa no sistema produtivo e político das Missões um modelo adaptativo, que se moldou às necessidades conjunturais e estruturais, visando o estabelecimento de um poder paralelo ao da Coroa Espanhola e ao da Igreja de Roma.

Palavras-chave: Colonização espanhola. Missões Jesuíticas. Guaranis. Santa República.

Abstract: This paper seeks present and debate the main historiographical views about the Guaraní Jesuit missions, trying through of the literature review of some authors these views, focus on the assessment of the thesis that the Jesuits brought the deployment of a Guaraní Saint Republic, capturing the natives within the missionary project, representing an alternative to the *encomiendas* or conflict with the Spanish colonizers, as well as a form of defense against incursions of the Portuguese colony pioneers. Thus, we seek to continue and encourage the debate about the history of Guaraní Misiones region, is considered and developed the hypothesis that observed the production system and political Missions an adaptive model, which has shaped cyclical and structural needs, for the establishment of a parallel power to the Spanish Crown and the Church of Rome.

Keywords: Spanish colonization. Jesuit Missions. Guaraní. Saint Republic.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), 2014. Pesquisador membro do Núcleo PRISMA (Pesquisas em Relações Internacionais de Santa Maria). 2º Secretário do Centro de Integração Latino-Americana (CILAM). junior_bourscheid@hotmail.com

Apontamentos gerais do republicanismo missioneiro

Emergia o século XVI e a Europa defrontava-se com profundas transformações em suas estruturas social, cultural, religiosa, econômica e política, rumando para uma nova forma de organização da sociedade, que solaparia aquela ordem que marcara toda uma era da humanidade, qual seja, a medieval, e seu modo de produção, o feudalismo. Paralelamente, a Europa expandia sua esfera de influência, com a conquista e colonização de extensas áreas na África, Ásia, Oceania e principalmente nas Américas. Tais fenômenos explicam como a Europa ocupou posição de centralidade nas relações deste novo Sistema Internacional que começava a se configurar.

Embora seja impossível provar isso, suspeitamos que esses vários aspectos gerais relacionam-se mutuamente, numa lógica interna, por assim dizer, e que tudo era necessário. Foi uma combinação do *laissez-faire* econômico, do pluralismo político e militar, e da liberdade intelectual – por mais rudimentar que fosse cada um desses fatores, se comparados a idades posteriores – que interagiram para produzir o “milagre europeu”. Como o milagre foi historicamente único, parece plausível supor que só uma réplica de suas partes componentes poderia ter produzido um resultado semelhante em outro lugar. Como a mistura dos ingredientes críticos não existia na China Ming, ou nos impérios muçulmanos do Oriente Médio e Ásia, ou em qualquer outra

das sociedades examinadas anteriormente, estas parecem imobilizar-se enquanto a Europa avançava para o centro do cenário mundial.²

Internamente a Europa passava por importantes transformações políticas, com o processo de formação e consolidação dos Estados Nacionais – em substituição aos reinos que englobavam os antigos feudos – como uma nova forma de organização política, centralizada, visando maior proteção ante as invasões bárbaras, além da segurança interna permanente que propiciava a conformação da superação do modo de produção feudal, impulsionando a solidificação das políticas mercantilistas. Segundo Kennedy (1989)³, a ascensão política, econômica e militar da Europa ocorria, em grande medida, justamente por seu pluralismo de poder, já que a centralização política no Estado Nacional não representou a centralização política continental, a Europa seguia fragmentada politicamente, no entanto, em grau amplamente inferior ao observado durante a Idade Média. As interações entre os novos Estados se davam por meio do balanço de poder, no qual a busca pela manutenção da sobrevivência era o traço característico.

Juntamente com estas transformações de ordem política mais geral, outra profunda mudança estrutural ruía a antiga ordem feudal europeia. A

² KENNEDY, Paul. *Ascensão e queda das grandes potências: transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1989, p. 38.

³ *Ibidem*.

Igreja Católica, que até então dominava as relações sociais – sob todas as formas e em todas as esferas da vida –, entrava em crise profunda, defrontando-se com o processo da Reforma Protestante⁴, que instituiu novos modos de professar o credo cristão, fornecendo novas diretrizes para as relações pessoais, sociais e da própria política, interna e externa das nações imersas no cristianismo.

Sob o marco desta constituição política, os europeus dominam as Américas e iniciam o processo de colonização. O século XVI transcorria e as Coroas de Espanha e Portugal – principais beneficiárias das novas conquistas – ainda não formatavam um modelo claro para o desenvolvimento da colonização dos novos territórios, anexados na última década do século anterior. O modelo explorador imediato, de extração dos materiais encontrados nas novas terras, já mostrava seu desgaste e superação⁵.

⁴ Processo iniciado por Martinho Lutero no início do século XVI, que buscava uma revisão dos paradigmas da Igreja Católica, envolvida em fraudes e corrupção, recebendo críticas severas com relação às indulgências (pagamento de cotas para a remissão dos pecados cometidos pelos fiéis). O movimento de Reforma acabou desencadeando uma rede de movimentos adjacentes, que começaram a rumar para a dissensão. E esta veio, com a formação das doutrinas Protestantes (Luteranismo, Calvinismo, Anglicanismo), despertando a ira de Roma, através do movimento de Contra-Reforma, que visava à supressão daquele movimento, e a afirmação da Igreja Católica como única profissão legítima da fé cristã. (KENNEDY, 1989).

⁵ Donghi (1975) e Galeano (1994) discutem o modelo explorador europeu no Novo Mundo, e caracterizam o modelo espanhol como sendo de exploração simples, ou seja, extraindo-se matérias-primas e metais preciosos que não necessitassem de cultivo permanente. As *plantations* baseadas no sistema de *encomiendas* começaram a ser implantadas em áreas restritas,

É neste cenário que emergem e se desenvolvem dois modelos distintos de organização para o processo colonizador do Novo Mundo: o mercantilista das Coroas Ibéricas e o comunitário dos jesuítas. Neste trabalho, como será apresentado posteriormente, foca-se o estudo no segundo dos modelos, desenvolvido e implantado pelos Padres jesuítas da Companhia de Jesus nas terras americanas.

A Igreja Católica enfrentava um momento de declínio, frente à efervescência e consolidação dos movimentos de Reforma Protestante, que já haviam alterado o quadro religioso e político europeu, fazendo com que a Santa Igreja de Roma ficasse renegada a um papel de menor preponderância. Pressionada por estes reveses, instituiu o processo de Contra-Reforma, almejando a manutenção de sua posição de centralidade. Como parte desta política, envia missionários para as terras do Novo Mundo, buscando converter o maior contingente possível daquelas almas selvagens que habitavam estas terras inóspitas ao Reino dos Céus, e à tutela do Papa.

tas, aumentando quantitativamente apenas na segunda metade do século XVII, constituindo-se como modelo predominante apenas no século XVIII. Os portugueses, segundo Prado Júnior (1979), foram pioneiros na ocupação do território americano para o cultivo permanente de produtos primários. Os jesuítas empreendiam a mesma técnica nas reduções, enquanto os espanhóis tardarão a implantar tal modelo de cultivo. Ver: DONGHI, Tulio Halperin. *História da América Latina*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975. Ver: GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

Dentro da história das missões na América, as missões jesuíticas destacam-se pelo desenvolvimento apresentado, em especial as estabelecidas nas terras da nação Guarani, no coração meridional da América do Sul, na Bacia do Prata⁶. Neste local, construiu-se um modelo de interação entre os Padres europeus e os nativos da América de forma tal que não houvera nada semelhante na história das colonizações.

Os jesuítas que se instalaram nesta região e construíram suas reduções, intentavam a implantação de uma Santa República, baseada na conversão dos nativos ao catolicismo, oferecendo-lhes possibilidades de relações de produção distintas, tanto das *encomiendas* quanto da matriz portuguesa, contrapondo o comunitarismo das reduções com a escravidão do modelo mercantilista. O êxito econômico das reduções, por um lado, e o avanço expansionista da economia primário-exportadora, por outro, levaram inevitavelmente ao conflito entre os dois modelos colonizadores.

O que se busca neste trabalho é discorrer sobre a evolução das reduções jesuíticas guaranis na região platina, focando na tentativa dos padres jesuítas de instituir uma República Jesuítica nesta zona, e suas implicações ante

o modelo mercantilista das Coroas de Espanha e Portugal, bem como frente à cultura, organização social e política dos nativos guaranis, evidenciando as transformações que o modelo missionário incorre em seu florescimento, adaptando-se às condições exógenas que se lhe impõe, sendo construída a sociedade missionária de acordo com as possibilidades e dificuldades com as quais o ideal republicano jesuítico foi defrontando-se.

O objetivo geral do trabalho consiste em apresentar e debater as principais visões historiográficas acerca das missões jesuíticas guaranis, buscando por meio da revisão bibliográfica de alguns autores de ambas as visões, enfocar na apreciação da tese de que os jesuítas intentaram a implantação de uma Santa República Guarani, captando os nativos ao seio do projeto missionário, representando uma alternativa às *encomiendas* ou ao conflito com os colonizadores espanhóis, bem como uma forma de defesa às incursões bandeirantes da Colônia portuguesa.

A luta pelo milagre da Santa República

Ao chegarem às novas terras, os Padres missionários foram ocupando distintas regiões na América, estabelecendo suas reduções e reunindo os nativos nestas, formando os primeiros povoados. Porém, quais as reais motivações que implicaram na construção de tais reduções? No debate que se

⁶ As missões guaranis compreendem o território atual dos estados brasileiros do Paraná (inicialmente, com as missões do Guayrá) e do Rio Grande do Sul (Tape, inicialmente, e as Missões Orientais, os Sete Povos das Missões), o centro-sul da República do Paraguai, as Províncias argentinas de Misiones, Corrientes e Entre Rios (enquanto Estância de Yapeyú), e a região centro-oeste da República do Uruguai, através das Estâncias para o cultivo do gado missionário.

segue, apresentar-se-ão as duas principais visões historiográficas acerca das missões jesuíticas, primando pela hipótese na qual se pressupõem que os jesuítas buscaram instituir uma Santa República na região dos guaranis, evidenciando-se os principais argumentos que permitem fomentar tal visão.

As bases do pensamento republicano jesuítico

Antes de discutir-se o modelo republicano jesuítico, há de se considerar as condicionantes religiosas que influenciavam algumas das bases para o modo de organização da república missioneira, consistindo, por vezes, em uma barreira para a consolidação de tal processo.

Como missionários enviados pela Igreja Católica de Roma – sob o processo de Contra-Reforma – para a conversão dos selvagens ao catolicismo, deveriam fazer “tudo para a maior glória de Deus e bem das almas”⁷. E, como a Igreja Católica estava intimamente vinculada às Coroas de Espanha e Portugal⁸, os jesuítas, direta ou indiretamente, acabavam sofrendo a ingerência das Coroas de alguma forma em assuntos que a

estas lhes fosse pertinente, já que eram as grandes financiadoras da Igreja em decadência e, conseqüentemente, das próprias missões. Deste modo, as Coroas estavam interessadas na maximização da extração de lucros das colônias tendo em seu modelo mercantilista, de extração e exploração, sua expressão principal, tornando em um obstáculo ao processo de implantação da Santa República junto aos guaranis a sua própria base religiosa.

Entretanto, não se deve restringir o foco da análise apenas a esta condicionante, como parte da historiografia das missões faz, pois ao mesmo tempo em que as bases religiosas são uma barreira para os jesuítas, elas se constituem em uma das maiores fomentadoras da utópica constituição da Santa República. Afirma-se isto, pois são as Coroas de Espanha e Portugal, via Igreja Católica, que financiam os missionários e lhes oferecem a formação necessária para o desenvolvimento de todas as suas posteriores potencialidades, que os possibilitarão desenvolver as reduções, o processo de interação com os nativos, facilitando a implantação de seu ideal.

Deve-se ao espírito empreendedor dos padres jesuítas, que além de sacerdotes, eram pessoas que detinham na época os mais avançados conhecimentos científicos, indo da agricultura à astronomia, das artes às táticas de guerra e, sobretudo, um extraordinário saber nas ciências sociais⁹.

⁷ VENTURINI, Sergio. *Uruguai*: rio, fronteira e sangue. São Luiz Gonzaga: Gráfica A Notícia, 2007, p. 7.

⁸ Eis aqui um ponto de concordância entre toda a historiografia deste período histórico. Inegavelmente são estreitos os laços que vinculavam a Igreja Católica com as Coroas Ibéricas, em relação direta com a Casa de Habsburgo, o que determinará o conflito entre os Estados apoiados pela Igreja Católica e os Protestantes (aliados à França) durante a Guerra dos Trinta Anos (1618-1648).

⁹ VENTURINI, op. cit., p. 37.

Sendo assim, os jesuítas estavam subordinados a sua organização superior, a Igreja Católica, e dela dependiam em grande parte para a realização de seu trabalho, agindo sob possibilidades determinadas pela Igreja, e tendo a base de seu pensamento nas regras, normas e preceitos da fé cristã. Ao mesmo tempo, o fato de pertencer a Igreja Católica fomentava o ideal de implantação da Santa República Guarani, pois, os padres possuíam a formação necessária para o comando e interação junto aos nativos, além de possuírem – via Igreja – as condições materiais para a realização de tal.

Porém, cabe indagar-se: com as condições fornecidas pela Igreja, com a posição ocupada pelos jesuítas, por que trilhar um caminho autônomo, republicano, junto aos nativos? É nítida a importância da religião para o modelo jesuítico, inclusive para a república, caracterizando-se como uma Santa República, entretantes, mesmo com a sua formação religiosa, os jesuítas possuíam uma doutrina de organização social muito distinta da que a Igreja Católica apoiava na Europa, e que deveria ser estendida ao resto dos domínios, através da doutrina mercantilista, fundamentada no humanismo cristão e nos princípios comunitaristas.

Os jesuítas criaram um desses raros modelos utópicos de reorganização intencional da vida social que efetivamente viabilizaram novas formas de existência humana. Apesar de sua inspiração antigentílica, o modelo de

estrutura social que criaram se caracterizava pelo alto sentido de responsabilidade social diante das populações indígenas que aliciavam. Ao contrário da formação colonial-escravista, que tratava o índio como um fator energético para ser desgastado na produção mercantil, o modelo jesuítico buscava assegurar-lhe uma existência própria dentro de uma comunidade que existia para si, isto é, que se ocupava fundamentalmente de sua própria subsistência e desenvolvimento¹⁰.

Intenta-se evidenciar assim que os jesuítas possuíam um modelo de estruturação social distinto daquele apoiado pela própria Igreja Católica, aliada às monarquias absolutistas do período – principalmente a espanhola. Os jesuítas enfatizavam a relevância dos nativos como indivíduos membros de uma estrutura social superior, de modo a ser uma sociedade orgânica, tendo retornos de forma igualitária, onde todos eram indivíduos parte da organização superior, dirigida pelos mais aptos para tal, os missionários. Freyre (2003)¹¹ ressalta o caráter estritamente organicista das reduções, elucidando as contradições entre:

(...) o oligarquismo ou nepotismo, que aqui madrugou, chocando-se ainda em meados do século XVI com o clericalismo dos padres da Companhia. Em oposição aos interesses da sociedade colonial, queriam os padres fundar no

¹⁰ RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, pp. 409-410.

¹¹ FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. 48. ed. Recife: Global Editora, 2003, p. 85.

Brasil uma santa república de "índios domesticados para Jesus" como os do Paraguai; séráficos caboclos que só obedecessem aos ministros do Senhor e só trabalhassem nas suas hortas e roçados. Nenhuma individualidade nem autonomia pessoal ou de família. Fora o cacique, todos vestidos de camiseta de menino dormir como em um orfanato ou em um internato. O traje dos homens igualzinho ao das mulheres e das crianças¹².

Admite-se o intento e a estruturação republicana dos jesuítas, mas, minimiza-se a forma como foi introduzida, resumindo-a a uma organização social distinta da colonial, onde os nativos abdicavam de sua individualidade e submetiam-se apenas aos padres de forma a fazerem parte do Reino de Deus. Freyre (2003)¹³ oculta o caráter comunitário das reduções, a preservação de parte da cultura indígena, a criação do modo de ser missioneiro, que formou uma nova matriz cultural, na qual os nativos preservavam características anteriores a interação com os jesuítas, unindo-se à parcela religiosa, marcante traço característico.

Adaptações impostas pelas circunstâncias específicas

O projeto missioneiro enfrentou inúmeras adversidades ao longo de seu processo de implantação e manutenção, tornando o intento dos padres cada vez mais dispendioso. As dificuldades iniciais para a implantação do projeto,

no que concerne aos entraves da Igreja Católica, já foram apresentadas, cabe agora analisar as circunstâncias específicas encontradas quando da chegada às terras guaranis, para a implantação da Santa República.

A primeira barreira enfrentada pelos padres foi a natural. Logo da chegada na América, os missionários perceberam que as matas ainda virgens destas terras seriam um obstáculo a sua missão evangelizadora. Com relação aos jesuítas nas terras guaranis, esta barreira tornou-se ainda mais difícil de transpor. Quando estes chegaram ao coração meridional da América do Sul, evidenciaram que a selva missioneira consistia em grande empecilho ao seu intuito de reunir os nativos e formar povoados, que ao se interligarem, formaria a tão sonhada república.

La selva siempre ha sido una presencia subyugante y poderosa para el ser humano. Para los conquistadores, era la presencia de un nuevo mundo desconocido y peligroso; para los jesuitas, un desafío evangelizador, y para los inmigrantes, una fuerza que había que doblegar para construir sus casas y hacer los cultivos. Pero también hubo – y hay – otros hombres para los que la selva era la esencia misma de su forma de vida, de su lenguaje, de su cotidianidad: los aborígenes, los primeros habitantes de esta tierra. De un modo u otro, todos ellos, a lo largo de la historia, han elegido la selva misionera para vivir.¹⁴

¹² FREYRE, 2003, p. 85.

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ LÓPEZ, Lorena; CÁMARA, Hugo; CHEBEZ, Juan Carlos. *Senderos em la selva misionera*. Posadas: Ministerio de Ecología y Recursos Na-

Todavía, não se pode observar a selva apenas como um óbice aos jesuítas. Após a consolidação das reduções, a selva missioneira tornou-se importante fator de defesa para os povoados, sendo que tanto os nativos quanto os padres já estavam aptos a viverem nas matas – os primeiros em grau muito mais elevado –, em contraposição aos invasores dos centros coloniais escravistas, despreparados e desconhecedores dos caminhos das matas.

Ademais do fator natural, outra barreira que se impôs à tarefa dos missionários, era o fato de que os guaranis possuíam um núcleo de organização muito descentralizado, fazendo com que se encontrassem dispersos pela selva da região. Desta forma, o propósito de reunir os nativos nas reduções para se formarem povoados tornava-se mais penoso de se lograr. Além do fator de dispersão, os jesuítas enfrentavam outra barreira relacionada com os nativos, o choque entre a cultura guarani e a religião cristã.

Não apenas a estreita vinculação entre a Igreja Católica e as Coroas Ibéricas tornava a base religiosa da sociedade missioneira em um obstáculo ao seu desenvolvimento, havia problemas de ordem local, de adaptação dos nativos à nova crença, que não conseguia substituir o núcleo “ético-mítico” tradicional pela matriz cristã europeia.

La tarea profundamente misionera habría debido ser: la conversión de cada

miembro de la cultura india a la Iglesia, y la conversión masiva de dicha cultura por un diálogo centenario entre los apologistas cristianos nacidos en la cultura india que habrían criticado el “núcleo ético-mítico” de dichas culturas desde la perspectiva de la comprensión cristiana. ¡Pero todo esto no fue posible! No habiendo advertido los organismos normales de la civilización india, el misionero se encontraba con elementos desintegrados y dispersos, y aunque el primer impacto, el bautismo, pareciera relativamente fácil –por no haberse catequizado el “núcleo ético-mítico”, sobrenada, permanece difuso e incontrolable, un paganismo ambiental difícil de discernir y evangelizar¹⁵.

Neste ponto da análise, alguns historiadores acabam desviando o foco de observação para um olhar eurocêntrico que acaba ocultando aspectos importantes e distorcendo outros. Parte da historiografia, inclusive oficial, caracteriza a interação entre a religião e a cultura guarani como um massacre da primeira sobre a segunda, afirmando que os missionários convertiam indiscriminadamente os nativos em fiéis almas católicas, aculturando-os e transformando-os apenas em membros da organização superior, a Igreja Católica, numa posição subalterna, como a camada mais baixa da hierarquia. Entretanto, pode se observar, em uma análise não muito árdua, que existem evidências que mostram uma realidade completamente distinta.

torales Renovables – Gobierno de la Provincia de Misiones, 2009.

¹⁵ DUSSEL, Enrique. *Historia de la Iglesia en América Latina*. Madrid: Mundo Negro-Esquila Misional, 1992, p. 87.

Observando-se a realidade atual dos remanescentes das populações nativas guaranis que habitavam a selva missioneira, fica nítida a preservação de muitos dos traços característicos da cultura guarani pré-missioneira. A forma de organização da sociedade continuou com seus traços fundamentais, incluindo-se apenas a variável religiosa. Com isto, tal estruturação fora reformulada com a superioridade dos padres, porém preservando a importância dos líderes nativos como o pajé e o cacique, bem como o modelo de aldeia nativa, reforçado com a proteção da arquitetura europeia, oferecendo assim a segurança necessária aos povoados.

Hábitos culturais dos guaranis mantiveram-se preservados e atualmente influenciam ativamente na cultura missioneira. O consumo da erva mate através da infusão da água a temperatura ambiente, quente ou gelada, formando a tradição do mate, continuou preservada mesmo com a rejeição inicial dos padres¹⁶, observando-se a importância desta tradição para os nativos, e principalmente a lucratividade de seu cultivo. O culto aos deuses guaranis, à natureza e aos demais símbolos pertencentes ao misticismo guarani,

ao contrário do que a visão generalista pressupõe, continuou preservado de certa forma, claro está que isto ocorreu quando não confrontasse com os ídolos e mandamentos da Santa Igreja, porém, continuaram preservadas as crenças dos nativos. Estas considerações são apresentadas por Garay (1921)¹⁷ ao mencionar que por certa negligência dos religiosos, os nativos podiam cultivar alguns traços característicos de suas culturas aborígenes, mesmo que contradissem os princípios da fé cristã.

O trabalho nas reduções era adaptado a realidade guarani, tendo uma parcela dele sendo alocada à manutenção da redução, a sua subsistência, outra parcela destinada a subsistência de cada núcleo familiar, que possuía seu roçado próprio, e o excedente produtivo ou era enviado como auxílio a alguma redução que estivesse passando por dificuldades produtivas, ou estocado para uma situação posterior. Esta divisão do trabalho entre os nativos emerge como fator de contraposição ao argumento corrente de que seria harmonizada com o restante da matriz produtiva colonial, já que estava fundada em relações distintas, com preponderância para os fatores comunitários.

Venturini (2007)¹⁸ traz uma abordagem distinta aos historiadores coloniais, analisando os fatos por um enfoque missionário. Com relação ao trabalho, elucida que não se caracteriza

¹⁶ Segundo VENTURINI (2007, p. 10): “O costume dos guaranis de tomar mate era condenado pelos jesuítas porque eles associavam o chimarrão aos rituais pagãos dos pajés”. A adaptação dos padres ao costume nativo só ocorreu porque “a resistência do guarani em abandonar o consumo da erva-mate convenceu os jesuítas da grande importância do chimarrão para os aborígenes. A erva-mate, condenada de início, transformou-se mais tarde numa das principais fontes de renda nas missões”.

¹⁷ GARAY, Blas. *El comunismo de las misiones: la Compañía de Jesús en el Paraguay*. Asunción: Librería La Mundial, 1921.

¹⁸ VENTURINI, op. cit., 2007.

como escravista ou explorador, pois as reduções funcionavam integralmente através do trabalho comunitário e, ademais, os nativos que aceitavam participar da redução – já que não sofriam coerção para tal – sabiam das condições benéficas delas, apresentadas por nativos catequizados enviados pelos jesuítas, em um processo de proto-diplomacia estabelecida pelos padres quando:

Empezaron entonces por mandar a los ka'agua y mbaja, a quienes deseaban catequizar, frecuentes regalos de animales y comestibles, siendo de ellos portadores indios ya instruidos y merecedores de toda confianza por su lealtad acreditada, los cuales encomiaban la bondad del régimen a que vivían sujetos y la solicitud y generosidad con que acudían a sus necesidades los Padres, en tal modo que no les era preciso trabajar para vivir. Cuando con estas embajadas tenían ya suficientemente preparado el terreno, el jesuita se presentaba al nuevo rebaño con buena escolta y abundante impedimenta de ganados y víveres de toda especie¹⁹.

O trabalho era comunitário não somente dentro da própria redução, como também no sistema criado pelos missionários que integrava as reduções, sendo que uma auxiliava as demais em momentos de desabastecimento ou de necessidades de qualquer natureza.

Com relação aos castigos, que setores da historiografia advogam ser um traço de aproximação fundamental com as Coroas Ibéricas e seus modelos

de colonização, pode se evidenciar que esta visão é equivocada. Os castigos impostos aos nativos, segundo Venturini (2007)²⁰, se comparados aos que eram efetivados na mesma época na Europa, tanto pela Inquisição e a Contra-Reforma quanto pelas monarquias absolutistas, eram brandos, sendo que nas reduções os nativos tinham como pena máxima a expulsão da mesma, valendo ressaltar a espontaneidade da participação nas reduções, o trabalho missionário era levar até os guaranis a possibilidade de participarem do projeto jesuítico, mas a decisão de participar dele ou não cabia aos nativos.

Com isso, pode se constatar que os jesuítas enfrentaram várias adversidades para se instalarem na região dos guaranis, porém, o entusiasmo para constituir e efetivar o planejamento republicano dos padres foi maior, e fez com que as barreiras fossem sendo transpostas paulatinamente, tendo em consideração as particularidades dos nativos.

A tentativa de instituição da Santa República Guarani

Expostas as principais características do processo de constituição da Santa República Guarani, cabe expor alguns elementos que permitem manter a hipótese da existência de tal fenômeno. Não se quer combater a visão historiográfica predominante, apenas sustentar um debate acerca dos aconte-

¹⁹ GARAY, op. cit., p. 39.

²⁰ VENTURINI, op. cit., 2007.

cimentos, contribuindo para fomentar as discussões deste período histórico por meio de distintos prismas.

A interação entre o ideal missioneiro e a realidade guarani

Os traços fundamentais da interação entre o ideal missioneiro e a realidade dos guaranis já foram expostos anteriormente, no entanto, vale ressaltar algumas destas características, buscando-se esclarecer alguns aspectos. No processo de aproximação entre ambas as matrizes sociais, bem como na posterior implantação das reduções, houve um processo de miscigenação cultural, na qual as variáveis guaranis foram sendo mantidas ou adaptadas conforme aprofundava a aproximação com o cristianismo dos jesuítas.

A organização social foi adaptada, mas nunca substituída, caracterizando-se assim o esforço dos jesuítas por englobar os nativos em seu projeto, trazendo-lhes uma forma de ordenação semelhante à anterior em que estes viviam, porém, adicionando-lhe a proteção que era necessária frente à nova realidade que se conformava.

Os nativos do tronco tupi-guarani possuíam um alto senso organizacional baseado em hierarquia e união comunitária, o que lhes fornecia certa vantagem sobre outros povos que eram nômades e não possuíam núcleos populacionais organizados. Os guaranis organizavam-se em famílias, unidas nas aldeias, que por sua vez eram interligadas, sendo que as-

sim se constituía uma rede de populações reunidas em aldeias que proporcionavam maior defesa a toda a nação. Este fator organizacional favoreceu aos jesuítas quando do intento republicano de suas reduções, pois os guaranis já possuíam um grau de desenvolvimento organizacional considerável.

(...) Sus aldeas multifamiliares presentaban una sólida vinculación sociopolítica, gracias a una organización cooperativa del trabajo basada en la reciprocidad y la solidaridad. La política guaraní estuvo estructurada en un conjunto de instituciones jerárquicas, funciones y pautas tendientes a organizar las múltiples tareas que concernían a la aldea en su conjunto, o al grupo de aldeas vinculadas por alianza o enfrentadas por enemistad²¹.

A respeito do trabalho, economia, organização produtiva, que são – juntamente com a suposta aculturação – as maiores críticas ao modelo jesuítico, estas são avaliadas como parte do contexto explorador mercantilista das Coroas Ibéricas. Todavia, o caráter destes fenômenos é estritamente comunitário, caracterizado por um amplo senso de bens públicos, de coletividade, em suma, de republicanismo. Evidência marcante do caráter comunitário e republicano deste processo é a forma de adesão dos nativos às reduções. Esta não se dava de forma coercitiva, por meio de imposição

²¹ GOLDSTEIN, León (Coord.). *Corrientes Argentina*. Corrientes: Manrique Zago Ediciones, 1995, p. 31.

– como no modelo mercantilista, no qual o nativo era utilizado como mero fator energético para a produção, sendo-lhe imposta esta condição –, e sim de forma espontânea. Os jesuítas ofereciam a alternativa de participação dos nativos nas reduções, ficando a cargo dos nativos a decisão de participar ou não.

É neste aspecto que podemos diferenciar a colonização jesuítica da perpetrada pelos colonizadores mercantilistas, lançando mão da categorização de Marx (1999)²², quando este afirma que:

Todas as conquistas supõem três possibilidades: ou o povo conquistador impõe ao conquistado o seu próprio modo de produção (...); ou então deixa subsistir o antigo e contenta-se com o tributo (...); ou, por fim, produz-se uma ação recíproca, de que resulta uma forma nova, uma síntese (...)²³.

Evidências do planejamento republicano missionário

Desde o início da construção e da organização das reduções, uma das grandes preocupações dos missionários estava relacionada com seu acréscimo populacional. Muitas reduções menores foram sendo incorporadas a outras, a fim de se formar um núcleo populacional mais significativo. Nitidamente percebe-se a necessidade de constitui-

ção de núcleos populacionais permanentes e expressivos, características das modernas cidades europeias. Segundo Venturini (2007)²⁴, as missões platinas reuniram mais de 100 mil pessoas em seus ambientes, já Posada (2008)²⁵ apresenta um número acercando-se de 150 mil habitantes no âmbito das missões desta região.

Com a formação dos vários núcleos populacionais na região, uma evidência do republicanismo jesuítico é a integração das reduções, formando uma espécie de federação, em que todas as reduções da zona fazem parte. Através desta federação, ocorre um mecanismo de auxílio mútuo, em que todas são beneficiárias nos momentos de necessidade. A economia das missões era comunitária, não só internamente, como dentro da federação, sendo que o excedente gerado em uma poderia ser revertido para possíveis prejuízos em outra, fortalecendo-as internamente. Esta união das reduções também pode ser constatada em outras duas evidências históricas: o auxílio para a construção de novas reduções, sendo que eram disponibilizados nativos, padres, materiais, ferramentas para se erguerem as novas reduções que se somavam as antigas, já consolidadas; e o fenômeno do traslado de missões que eram destruídas pelas malocas (ataques dos bandeirantes paulistas) para novos locais, sendo incorporadas a missões já

²² MARX, Karl. *Para uma crítica da Economia Política*. Edição digital: Riendo Castigat Mores, 1999.

²³ MARX, op. cit., p. 32.

²⁴ VENTURINI, op. cit., 2007.

²⁵ POSADA, Carlos Arezo. *De Sepé a Gardel: historias y crónicas de Tacuarembó*. Montevideo: Ediciones de la Plaza, 2008.

instaladas, ou então, construindo-se novas reduções, com base no sistema de auxílio mútuo supracitado. Tal processo é apresentado por López (2009)²⁶ ao mencionar que:

En un principio, las reducciones jesuíticas se ubicaron en la zona del Guayrá, - perteneciente al territorio brasileño - pero tuvieron que “mudarse”, debido a las “malocas” (...). Con el tiempo se fueron convirtiendo en algo tan terrible que, en 1631, el padre Antonio Ruiz de Montoya encabezó un éxodo por el río Paraná en busca de una nueva tierra (...)²⁷.

As reduções – tanto individualmente como no aglomerado – tinham um caráter eminentemente auto-sustentável. Baseavam-se na agricultura voltada para a coletividade, a produção era distribuída entre todos os membros da comunidade e, como já observado, o excedente era convertido ou em reserva ou em auxílio a outra comunidade. Entretanto, alguns produtos de que as reduções necessitavam, principalmente ferramentas, eram obtidos através de trocas comerciais com a Coroa Espanhola, realizadas em Buenos Aires, onde a produção missioneira – excedente – era comercializada em troca das mercadorias demandadas pelas missões.

Organizadas las misiones guaraníticas por los misioneros jesuitas, las próximas a ambas márgenes del Uruguay se

comunicaban fácilmente con Buenos Aires para vender sus producciones de madera, yerba mate, cuero y sebo, a cambio de los muy necesarios útiles de labranza y herramientas para montar sus rudimentarios talleres de carpintería, fundición herrería y tejidos²⁸.

Soma-se a isto a importância da pecuária, sendo que as missões foram pioneiras em estabelecer a cultura do gado na região, tornando evidente uma preocupação econômica – já que o produto poderia ser comercializado com outras regiões, através de terceiros – e um caráter de desenvolvimento e diversificação produtiva. A redução de Yapeyú, com a introdução do gado, passou a formar a chamada Estância de Yapeyú, que abarcava uma extensa área entre as atuais repúblicas da Argentina e do Uruguai, onde a principal atividade era a criação de gado, enviado pelo governo da Província Jesuítica do Paraguai de Asunción, prática instituída pelo governador Hernando Arias de Saavedra em 1611.

(...) se lo recuerda en este territorio oriental por la introducción del ganado. Luego de varias exploraciones en estas comarcas situadas al este del río Uruguay, procederá a varios traslados de vacunos, lo que permitirá crear la principal fuente de riquezas en el territorio que él denominó “la banda de los charrúas”. (...) Durante muchas décadas el sosiego será total y el ganado se

²⁶ LÓPEZ, op. cit., 2009, p. 154.

²⁷ Ibidem.

²⁸ MOYANO, Jorge Fernandez; BOURDIN, Raquel Vique. *Breve historia de Salto: su gente y sus historias*. Salto: Ediciones del Sesquicentenario, 1990, p. 52.

podrá procrear libremente, con la sola limitación de los estragos de los felinos que eran muy abundantes²⁹.

Ademais, a criação de gado que foi implantada na região introduzia alimentação diversificada aos nativos – mais rica que a dieta anterior – além de nova mercadoria para comercializar com Buenos Aires. Juntamente com o gado, trouxeram-se também os cavalos, que forneciam uma nova força energética para locomoção, que tornava as ações mais rápidas, e, no que diz respeito à defesa, permitia maior mobilidade, com maior agilidade, o que tornava as reduções mais competitivas nos conflitos que pudessem eclodir naquela região.

El tiempo transcurrido entre el viaje de Pero López de Souza y la actuación del misionero P. Lozano, trajo a la pradera oriental el ganado vacuno y caballar, que se multiplicaron prodigiosamente y proveyeron a los indígenas de alimento en abundancia; cueros para sus tolderías y vestimenta y los caballos utilizados con gran habilidad³⁰.

Outra evidência está vinculada à preocupação latente com a defesa das reduções. Neste ponto, sabe-se que qualquer comunidade necessita de proteção contra ameaças externas de qualquer origem. Não obstante, as reduções eram fortificações bem localizadas, construídas estrategicamente considerando a necessidade de defesa

do local, visando sua proteção dos invasores estrangeiros. As bandeiras foram a principal ameaça, substituídas posteriormente pelos próprios exércitos das Coroas.

Los bandeirantes venían a cazar indios y los jesuitas salían a defender a los pueblos guaraníes; (...) La oposición – armada, las más de las veces – de estos increíbles sacerdotes, consagrados a cultivar el espíritu de los indios, hizo casi imposible que los portugueses extendieran los límites según sus reclamaciones, y sus adelantos bandeirantes quedaban en el camino de a decenas, para alimento de las fieras de la selva misionera, por cada indio que cazaban o mataban. (...) Con los elementos que, en cada lugar, aportaba la naturaleza, se levantaron fortificaciones en ríos, arroyos, selvas y picadas que conducían a los centros de civilización creados por los religiosos de la orden de San Ignacio. Y allí donde la naturaleza no los proveía, la capacidad de los ingenieros religiosos los suplía con falsos puentes, que hundían bajo el peso de los bandeirantes, y pozos y ciénagas debidamente convertidos en picadas que atraían el paso de los grupos de forajidos que desaparecían en las trampas, donde después de una larga agonía, se transformaban en alimento de pirañas y cocodrilos³¹.

A partir do exposto encontram-se indícios de que as missões estavam ameaçadas por representantes do modelo mercantilista, defendido pela Igreja. O interesse colonial nas reduções

²⁹ POSADA, op. cit., 2008, pp. 8-9.

³⁰ MOYANO; BOURDIN, op. cit., 1990, p. 52.

³¹ PARDELLA, Agustín Pérez. *El libertador cabalga*: primera parte. Buenos Aires: Desarrollo Editorial, 1994, pp. 16-17.

era de ordem estritamente econômica. Estava relacionado com os recursos de que as missões dispunham no momento, superiores aos da maioria das colônias; com os nativos, força de trabalho representativa, reunida em núcleos populacionais expressivos, ademais, as missões representavam uma ameaça ao modelo mercantilista colonial, pois desenvolviam-se e prosperavam em detrimento das colônias, baseadas em um modelo muito distinto, que contrariava os interesses das Coroas Ibéricas.

Os Sete Povos das Missões Orientais do Uruguai, somados aos 15 povos situados nas atuais províncias argentinas de Misiones e Corrientes, entre os rios Uruguai e Paraná e, mais os 8 povos jesuíticos localizados nos atuais departamentos de Itapúa e Misiones, na república do Paraguai, entre os rios Paraná e Tibicuari, formaram o conjunto dos Trinta Povos Jesuíticos, onde por um período de 150 anos, mais de cem mil guaranis, orientados pelos jesuítas, construíram uma impressionante civilização, com desenvolvimento espiritual, científico, artístico e material que espantava o mundo europeu da época, pois no coração meridional da América havia uma população mais desenvolvida do que os próprios povos europeus. (...) Até hoje, muitos estudiosos das Missões se perguntam como os jesuítas conseguiram construir essa maravilhosa sociedade guarani nos seus povos que se transformaram em majestosas cidades³².

Algumas reduções foram trasladadas a outros locais, a fim de se bus-

car maior proteção, como a de Nossa Senhora da Anunciação, inicialmente construída na margem esquerda do Rio Paraná (1615), sendo pouco tempo depois transferida para a margem direita, por motivos eminentemente de segurança e localização estratégica. Grande parte das reduções estava situada às margens de rios, fato que aliado ao treinamento para combates navais permitia com que as reduções possuíssem certa vantagem nos confrontos desta natureza. Evidencia-se assim, a preocupação latente das missões no que diz respeito a sua defesa frente a invasões externas, preocupação que, segundo parte da historiografia, não seria justificável, já que os jesuítas faziam parte do modelo explorador colonial. Exceto se as reduções não fizessem parte deste modelo, e mais, se estivessem implantando um modelo próprio, divergente do colonial, o que desperta a preocupação das Coroas Ibéricas a ponto de expulsar os padres e destruir as missões.

O fator que mais fomenta a visão republicana acerca das missões é o seu caráter comunitário. As reduções estavam estruturadas em torno de uma base eminentemente comunitária, com a participação de todos os reduzidos, onde todos desfrutavam da mesma condição, excetuando-se os padres e os líderes nativos, claro está, já que estes desfrutavam das posições de comando. A noção de bens públicos estava presente, seja pela distribuição igualitária dos frutos do trabalho dos nativos, pelo amparo oferecido tanto aos idosos

³² VENTURINI, op. cit., 2007, p. 37.

quanto aos doentes, dadas as suas condições específicas, pelo auxílio às crianças em sua educação, também igualitária, inclusive para as crianças europeias que por ventura permanecessem nas reduções. O senso do público presente nas reduções nos permite apontá-las como uma forma de organização política que nos remeta aos ideais republicanos clássicos.

(...) Os índios dos Trinta Povos viviam em comunidades realmente solidárias, onde não passavam fome e todos eram assistidos na doença e na velhice. As crianças recebiam educação integral, os adultos trabalhavam numa impressionante ordem e os velhos não sofriam discriminações³³.

A forma de divisão das terras para o cultivo dentro das reduções também oferece subsídios para a hipótese republicana. As plantações estavam divididas em distintas zonas, cada qual cabendo a uma parcela da organização da redução, contando com o trabalho de todos os aptos para tal tarefa.

La tierra de trabajo estaba dividida en zonas: el Abá-mbaé, el Tupá-mbaé y el Tava-mbaé, o sea respectivamente “la propiedad individual”, “la propiedad de Dios”, y “la propiedad del pueblo”. Todos trabajaban en las tres zonas³⁴.

Ademais, por meio deste mesmo aspecto é possível obter considerações de um motivo essencial pelo qual as

missões não alcançaram o estabelecimento de um Estado próprio. Tal argumento provém da teoria leninista, ao definir deste modo o Estado:

O Estado é o produto e a manifestação do carácter inconciliável das contradições de classe. O Estado surge precisamente onde, quando e na medida em que as contradições de classe objectivamente não podem ser conciliadas. E inversamente: a existência do Estado prova que as contradições de classe são inconciliáveis³⁵.

Mesmo sendo uma organização de dominação de classe, onde os jesuítas dominam os guaranis, a relação posterior entre as classes não alcança um nível de contradições e conflitos inconciliáveis, a ponto de emergir um órgão central, um Estado. É o carácter comunitarista das relações sociais e produtivas que impedia a conformação do Estado naquele momento, permanecendo dependente politicamente dos Estados Ibéricos.

Da evolução das reduções à sua derrocada: um breve histórico

Nesta seção busca-se debater um breve histórico da evolução das missões, até sua derrocada, fomentando a hipótese da constituição da Santa República Guarani, trabalhada anteriormente, apresentando-se fatos históricos que oferecem um rol de

³³ VENTURINI, op. cit., 2007, p. 37.

³⁴ LÓPEZ, op. cit., 2009, p. 153.

³⁵ LÉNINE, Vladimir Ilitch. O Estado e a revolução: a doutrina do marxismo sobre o Estado e as tarefas do proletariado na revolução. In: *Obras Escolhidas de V. I. Lênine*. Lisboa: Editorial Avante, 1977, t 2. Traduzido das Obras Completas de V. I. Lênine. 5 ed., em russo, t 33, p. 4.

insumos para a hipótese do republica-
nismo missioneiro.

A constituição de uma força regional

As missões na região dos guaranis começaram a se instalar ainda no século XVI, com a constituição da República Del Guayrá – atual Estado do Paraná – sendo que estas reduções foram completamente destruídas pelos bandeirantes, por meio dos ataques conhecidos como malocas. Os sobreviventes deslocaram-se, seguindo o Rio Paraná, para o sul, implantando-se no coração meridional da América do Sul. Em 1607 cria-se a Província Jesuítica do Paraguai, a fim de outorgar certa autonomia à Igreja e aos padres em seu processo de evangelização. Segundo López (2009)³⁶ o resultado da ação predatória dos bandeirantes foi a impressionante imagem de cerca de 700 balsas descendo o Rio Paraná sem destino certo, buscando-se localidades seguras, o mais longe possível dos bandeirantes paulistas.

A partir deste momento, teoricamente com mais segurança, os jesuítas iniciam o processo de construção da Santa República, fundando várias reduções que formarão o conjunto dos Trinta Povos, no auge do poderio missioneiro. Neste processo, o (Santo) Padre Roque Gonzalez teve papel fundamental, fundando (entre 1615 e 1628) cinco reduções e trabalhando em seis, sendo executado em 1628 por uma tri-

bo guarani, devido a divergências com o cacique, depois de auxiliarem na própria construção de uma das reduções, Todos os Santos do Caaró³⁷.

As reduções, após a morte de Roque Gonzalez, vivenciam um processo de estagnação, inicialmente, prosseguindo-se de uma etapa de grande desenvolvimento, atingindo até a região do Tape (atual Estado do Rio Grande do Sul). Neste momento, a Santa República dos padres já representava uma ameaça aos interesses coloniais de forma efetiva. Segundo Garay (1921)³⁸ as missões da Província Jesuítica do Paraguai passaram por duas fases: 1) a da missão civilizadora, buscando converter os nativos ao catolicismo e povoar as missões; e 2) a da preocupação com o crescimento econômico e o desenvolvimento material das missões, agindo de forma decisiva na divisão do trabalho e no estabelecimento das relações sociais de produção, sendo preterida a missão religiosa. É então que se emprega uma segunda grande cruzada dos bandeirantes, na região do Tape inicialmente, visando chegar ao Rio Uruguai, passando para o Rio Paraná, alcançando o atual Paraguai, para destruir e saquear as reduções e aprisionar os nativos que estavam no caminho.

³⁶ LÓPEZ, op. cit., 2009.

³⁷ A figura do Santo Roque Gonzalez é de suma importância para se compreender a história das missões, principalmente das fundadas às margens do Rio Uruguai. VENTURINI (2007) apresenta o percurso do Padre Roque desde o Paraguai até sua morte, quando da construção da redução de Todos os Santos do Caaró, motivada por desavenças e desentendimentos com Nheçú, cacique que não aceitava as condições apresentadas pelos padres para os índios reduzidos.

³⁸ GARAY, op. cit., 1921.

O confronto com as Coroas mercantilistas

O intuito bandeirante, após destruir as reduções do Tape, foi detido com a Batalha do Mbororé em 1641, maior batalha naval da história da região, na qual os bandeirantes foram surpreendidos pelo senso de estratégia militar missioneira³⁹, o que evidencia a preocupação com a defesa, característica de um Estado. Neste ponto, faz-se necessário retornar um pouco na análise e referirmo-nos a localização estratégica das reduções às margens dos rios, permitindo o fácil acesso a eles, o treinamento naval, o conhecimento das águas da Bacia do Prata, o que acabou por se evidenciar na vitória acachapante sobre as bandeiras paulistas na Batalha do Mbororé.

Os guaranis (com 4200 homens) foram organizados em companhias dirigidas por capitães, que eram os caciques maiores. O capitão geral foi o renomado cacique do povo de Concepción, Don Nicolás Ñiengueru. Os índios guaranis foram armados com arcos, flechas e fundas, pedras e porretes. Também dispunham de 300 arcabuzes e uma centena de balsas armadas com mosquetes e cobertas para evitar a flecharia e as pedradas dos tupis que lutavam ao lado dos bandeirantes. (...)

³⁹ Deve-se ressaltar que os bandeirantes foram completamente derrotados graças ao referido senso organizacional e estratégico das reduções. Quando os bandeirantes tentavam fugir, rio acima, foram surpreendidos por 2000 guaranis que os esperavam em uma fortificação levantada justamente para impedir a fuga dos invasores.

A bandeira enfrentada pelos guaranis tinha 450 homens armados com arcabuzes e 2700 tupis com arcos e flechas. Tinha, também, mais de 700 canoas e balsas para o transporte⁴⁰.

Após a Batalha do Mbororé, os sobreviventes ou são trasladados para o outro lado do Rio Uruguai ou reconstróem as reduções. Com isto, nesta etapa formam-se os Trinta Povos das Missões, abrangendo toda a Província do Paraguai, constituindo-se de fato em uma República, que, dado o descaço das Coroas Ibéricas, funcionava praticamente de forma autônoma, com uma população maior que grande parte das cidades coloniais, e até mesmo da Europa. “A batalha do Mbororé fechou um ciclo da história missioneira e abriu outro, o da consolidação territorial das missões jesuíticas”⁴¹.

O êxito das reduções começou a preocupar as Coroas, pois representavam uma ameaça potencial, podendo lutar por autonomia política – como já demonstrado com a Batalha do Mbororé – frente ao poder central. A Santa República Guarani se estendeu pelo território das atuais repúblicas argentina, brasileira, paraguaia e uruguaia, representando a vanguarda da colonização, e um modelo alternativo ao próprio absolutismo monárquico europeu. Os séculos XVII e XVIII foram de afirmação das missões, que cada vez mais davam sinais de que poderiam se constituir em um território autônomo.

⁴⁰ VENTURINI, op. cit., 2007, pp. 30-31.

⁴¹ Ibid., p. 32.

Esta ameaça potencial que as missões representavam ao mercantilismo resultou em mais um conflito. Em 13 de janeiro de 1750 Fernando VI (Espanha) e João V (Portugal) firmam o Tratado de Madrid, pelo qual a Espanha cedia as missões orientais – na margem direita do Rio Uruguai, atual território do Rio Grande do Sul – aos portugueses, em troca da Colônia do Sacramento, fortificação portuguesa na outra margem do Rio da Prata, em frente a Buenos Aires.

A partir de maio de 1751 os Sete Povos das Missões (as Missões Orientais) reagem ao tratado que os afetava diretamente. Os índios, em contingentes diminuídos, enfrentam as tropas conjuntas de Espanha e Portugal. A chamada Guerra Guaranítica⁴² dura cerca de 6 anos, finalizando-se com a derrota total dos insurgentes. Um dos marcos do conflito é o Combate de Coibaté em

7 de fevereiro de 1756, na nascente do Rio Vacacaí, onde o mítico Sepé Tiarajú – grande líder da resistência missioneira – enfrenta as tropas de José Joaquín de Viana, sendo ferido por um soldado e executado por um disparo do próprio Viana. A batalha durou três dias e contabilizou 1500 guaranis mortos.

Poderia se questionar então a visão do republicanismo jesuítico e a preocupação das Coroas, já que os espanhóis decidiram trocar parte do território missioneiro pela Colônia do Sacramento, porém, deve se observar que a Colônia do Sacramento representava uma grande ameaça a Buenos Aires, a capital do Vice-Reino do Prata, sendo menos prejudicial ceder parte do território missioneiro pela segurança do Vice-Reino como um todo. E, o que permite a sustentação da hipótese aqui exposta, caso o modelo jesuítico fosse apenas uma parcela do modelo explorador colonial, os jesuítas juntamente com os guaranis não lutariam contra as Coroas Ibéricas em busca de sua autonomia. A Guerra Guaranítica foi a maior evidência da constituição da Santa República Guaraní. Em 1761 se anula o Tratado de Madrid mediante a assinatura do Tratado de “El Pardo”, pelo qual as missões orientais – devastadas pela Guerra Guaranítica – voltavam ao domínio espanhol e a Colônia do Sacramento aos portugueses.

⁴² Com a Guerra Guaranítica ficou clara a decadência das missões, pois os povos missioneiros já não possuíam a articulação do momento de auge, seus armamentos estavam obsoletos frente às inovações tecnológicas européias, restando-lhes apenas a tática de guerra de guerrilhas empreendida pelos guerreiros que não admitiam a possibilidade de verem a derrocada do projeto missioneiro. VENTURINI (2007) e POSADA (2008) debatem acerca da Guerra Guaranítica evidenciando que os povos missioneiros, dadas as circunstâncias do momento, não lograriam êxito frente aos superiores exércitos ibéricos que os combatiam. A morte de Sepé Tiarajú diminuiu os confrontos, já que os nativos perceberam que sua inferioridade não poderia ser revertida. O cansaço do confronto, que se prolongou mais do que se supunha pelos ibéricos, e a observação de que seria mais proveitoso acalmar os ânimos dos nativos naquele momento, para posteriormente dismantelar definitivamente o processo missioneiro, fez com que o confronto fosse encerrado com a assinatura do Tratado de El Pardo.

A derrocada do ideal republicano missioneiro

Não obstante, mesmo com o desenvolvimento apreciado pelas missões jesuíticas, o poderio das Coroas Ibéricas era muito superior, e quando a Santa República Guarani mostrou-se em vias de constituição real, a resposta do mercantilismo foi clara e dura: a destruição dos insurgentes. A Guerra Guarânica foi o grande exemplo histórico, no entanto, mesmo assim as demais reduções da Santa República Guarani continuavam prosperando.

As Coroas Ibéricas já se mostravam desconformes com os jesuítas e os guaranis. A Espanha toma a decisão final em 1767, ruindo com o ideal jesuítico, já que os padres, mesmo sendo considerados insurgentes, ainda estavam submetidos ao comando da Igreja e das Coroas, e estavam temerosos de seu futuro após a Guerra Guarânica. Através da Real Pragmática de 27 de fevereiro daquele ano, os jesuítas foram expulsos da Espanha e de todos os seus domínios – inclusive a Província Jesuítica do Paraguai – com apoio do Papa Clemente XIV, e sua aplicação começou a se efetuar em 2 de abril do mesmo ano.

Em agosto de 1768 o governador de Buenos Aires, Francisco de Paula de Buscarelli, executa a ordem nas missões ocidentais, sem violência – já que os jesuítas aceitaram a impossibilidade de seguir seu trabalho – e fazendo detalhados inventários de cada redução. Logo após a expulsão dos jesuítas, os

dominicanos são designados para administrarem as missões, porém, estas entram em processo acentuado de decadência, agravando-se a fome, pobreza e ataques externos sistemáticos. Os guaranis fogem das missões para a mata, muitos retornando aos povoados posteriormente.

Los jesuitas y guaraníes terminan acatando la expulsión y de esta forma comienza una etapa de decadencia y destrucción de sus pueblos. La dispersión aumentó por el hambre, la miseria y el desamparo. Muchos se trasladarán a la Banda Oriental, territorio elegido para afincarse. Lo que queda en pie de estos pueblos, será finalmente destruido por la vegetación y la acción de los lugareños, quienes se aprovecharán de los materiales, reciclando piedras, columnas, baldosas, tejas y maderas entre tantos otros⁴³.

Considerações finais

A problemática que se propôs debater neste trabalho é a intencionalidade dos padres jesuítas que trabalharam junto aos guaranis na América do Sul, de constituir na região uma Santa República, contrapondo-se ao modelo explorador mercantilista do colonialismo das Coroas Ibéricas na América. Paralelamente, se buscou debater acerca da visão historiográfica predominante, que trata as missões jesuíticas guaranis como uma parte do modelo mercantilista, destinada a converter os índios arredios em fieis almas sob a tutela do Rei

⁴³ POSADA, op. cit., 2008, p. 12.

e do Papa, promovendo a aculturação destes indivíduos.

Procurou-se apresentar elementos que permitem estimular o debate acerca da historiografia missioneira, e a relação desta região com o processo mais global, qual seja, o mercantilismo. Para se entender a realidade missioneira atual, bem como as estruturas social, política e econômica, faz-se necessário o esforço de compreensão das raízes deste processo e, até o presente momento, a relevância e importância do modelo pioneiro implantado na região nos séculos XVI, XVII e XVIII, vem sendo marginalizada, desconsiderando que se constitui na base para a organização social atual. Os desafios que se apresentam aos estudiosos da região platina atualmente estão, em grande parcela, arraigados no fenômeno da colonização missioneira.

Desta forma, faz-se necessário fomentar o debate historiográfico da região missioneira guarani, buscando-se desmistificar algumas visões e apresentar outras ferramentas que possam oferecer fundamentos teóricos distintos para se compreender os processos que foram ocorrendo ao longo do tempo, a partir deste ponto inicial. Conseqüentemente intentou-se debater a intencionalidade dos jesuítas de instalarem uma Santa República junto aos guaranis, buscando autonomia política, o que poderia mudar completamente os rumos da história regional.

Referências bibliográficas

DELVALLE, Alberto. *Pueblos de Itapúa: datos históricos*. 1. ed. Encarnación: Universidad Católica Nuestra Señora de la Asunción – Sede Regional Itapúa, 1998.

DONGHI, Tulio Halperin. *História da América Latina*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

DUSSEL, Enrique. *Historia de la Iglesia en América Latina*. Madrid: Mundo Negro-Esquila Misional, 1992.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. 48. ed. Recife: Global Editora, 2003.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

GARAY, Blas. *El comunismo de las misiones: la Compañía de Jesús en el Paraguay*. Asunción: Librería La Mundial, 1921.

GOLDSTEIN, León (Coord.). *Corrientes Argentina*. Corrientes: Manrique Zago Ediciones, 1995.

KENNEDY, Paul. *Ascensão e queda das grandes potências: transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1989.

LÉNINE, Vladimir Ilitch. O Estado e a Revolução: a doutrina do marxismo sobre o Estado e as tarefas do proletariado na revolução. In: *Obras Escolhidas de V. I. Lênine*. Edição em Português. Lisboa: Editorial Avante, 1977, t. 2, pp. 219-305. Traduzido das Obras Completas de V. I. Lênine, 5. ed. em russo, t.33, pp. 1-120.

LEVINTON, Norberto. *San Ignacio Miní: la identidad arquitectónica*. Buenos Aires: Contratiempo Ediciones, 2009.

LÓPEZ, Lorena; CÁMARA, Hugo; CHEBEZ, Juan Carlos. *Senderos em la selva misionera*. Posadas: Ministerio de Ecología y Recursos Naturales Renovables – Gobierno de la Provincia de Misiones, 2009.

MARX, Karl. *Para uma crítica da Economia política*. Edição digital: Ridendo Castigat Mores, 1999.

MOYANO, Jorge Fernandez; BOURDIN, Raquel Vique. *Breve historia de Salto: su gente y sus historias*. Salto: Ediciones del Sesquicentenario, 1990.

PARDELLA, Agustín Pérez. *El libertador cabalga: primera parte*. Buenos Aires: Desarrollo Editorial, 1994.

PIPPI, Gladis Maria. *História cultural das missões: memórias e patrimônio*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2005.

POSADA, Carlos Arezo. *De Sepé a Gar-*

del: Historias y crónicas de Tacuarembó. Montevideo: Ediciones de la Plaza, 2008.

PRADO JÚNIOR, Caio. O sentido da colonização. In: _____. *Formação do Brasil Contemporâneo*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VENTURINI, Sergio. *Na trilha dos santos mártires: de San Ignacio Guazú (Paraguai) a Caaró*. São Luiz Gonzaga: Gráfica A Notícia, 2002.

_____. *Inhacurutum e as missões jesuíticas*. São Luiz Gonzaga: Editora Borck, 2004.

_____. *Uruguai: rio, fronteira e sangue*. São Luiz Gonzaga: Gráfica A Notícia, 2007.